

## Apontamentos para uma semiótica sistêmica

Ronaldo Henn (Unisinos, RS)

### Resumo

*O trabalho associa semiose com conectividades sistêmicas e a possibilidade metodológica de se investigar processos de produção através de uma cartografia das operações que se dão nessas conexões. Defende-se que qualquer semiose e, em especial, as que se engendram nos processos midiáticos, desenvolvem-se por interações entre sistemas em cujas conexões afloram-se questões relevantes na operacionalização dos mais diversificados formatos de linguagem. Aponta-se para uma semiótica de cunho sistêmico e sua importância na investigação dos processos comunicativos.*

**Palavras-chave** : semiose, mídia e sistemas

A noção de semiose, central na Teoria dos Signos de Peirce, pode se transformar em importante ferramenta metodológica para investigação de processos que se dão no âmbito da produção de linguagens. Cecília Salles, em trabalho pioneiro (1992), já havia comprovado a pertinência dessa hipótese na aplicação da metodologia oriunda da Crítica Genética com o quadro conceitual oferecido pela semiótica de extração peirciana. Outras pesquisas, sob sua batuta, ampliaram imensamente o leque de aplicabilidade dessa junção para as demais esferas de produção, que não apenas as vinculadas à literatura ou outras formas de arte. Poderia se pensar em uma semiótica de produção midiática a partir de pressupostos inaugurados nessa articulação. A esse quadro, agregaria perspectiva sistêmica, por entender que qualquer semiose e, em especial, a midiática, processa-se por interações entre sistemas em cujas conexões afloram-se questões relevantes na processamento dos mais diversificados formatos de linguagem<sup>1</sup>.

Na medida em que a semiose proporciona transmutações de informações e sentidos em diversas instâncias, tanto sociais, quanto biofísicas, ela, no fundo, viabiliza conexões inter e intra sistêmicas. Partindo-se do pressuposto de que só existam sistemas abertos, no sentido de que trocam entre si, e com o meio ambiente, energia ou informação, as crises detonadas nesses processos, que se corroem pela entropia, são, também, crises semióticas.

Esboçou-se aqui três eixos através dos quais gostaria de articular essas reflexões: o vinculado ao conceito de semiose, o extraídos dos postulados da Crítica Genética e o que emerge de uma visão sistêmica. Não me deterei na questão da semiose, cujo conceito já foi fartamente trabalhado e não valeria a pena, nos limites desse texto, recuperá-lo formalmente<sup>2</sup>. Com relação à Crítica

Genética, farei pequena síntese do que essencialmente importa para a questão proposta para chegar, imediatamente, ao núcleo em que esses eixos atravessam-se que estaria resumido na seguinte indagação: o que é uma visão sistêmica e qual a sua importância para se estudar processos comunicativos.

A Crítica Genética nasceu na França do final da década de 1960 a partir de problemas metodológicos que pesquisadores encarregados de organizar manuscritos literários enfrentaram. Já na década de 1980, esse tipo de pesquisa desenvolve-se no Brasil, dando continuidade ao seu caráter inaugural, ou seja, detectar nos manuscritos deixados por escritores pistas que possam dar conta de particularidades e generalidades do processo.

Entre os pioneiros nas pesquisas de Crítica Genética no Brasil, destacam-se Philippe Willemart e Cecília Salles. A partir de *Crítica Genética* (Salles, 1992), Cecília desencadeou pelo menos dois saltos nessa área. Primeiro, deu substância teórica aos estudos, resultado de frutífero encontro com a semiótica de C.S. Peirce. Depois, ampliou a área de investigação, antes restrita aos manuscritos literários, para produções inventivas de todo e qualquer mídia, inclusive os mais recentes, que se expandem juntamente com os computadores. Através desse enfoque, o conceito estrito de manuscrito deixa de fazer sentido e é substituído pelo de "documentos de processo" que são todo e qualquer registro material do processo criador, independente das linguagens em que se inscreve.

Para Salles (1998), um dos pilares de Crítica Genética é a busca dos meandros da criação através dos rastros ou marcas deixadas pelos artistas durante o processo. Ou seja, estamos diante de uma proposta que enaltece uma espécie de materialidade da criação, cuja natureza é totalmente avessa aos postulados subjetivos ou movidos por epifanias que o senso comum alardeou sobre as obras de invenção. Entretanto, essas marcas consubstanciadas em esboços, rasuras, ensaios ou em processos variados que formam, no fundo, profundas camadas de semioses, estão presentes nas rotinas produtivas de qualquer mídia. A investigação desses meandros podem revelar dispositivos sistêmicos importante na configuração dos textos midiáticos, sobretudo no fluxo dessas conexões.

A visão sistêmica ou organizacional vincula-se a uma perspectiva de abordagem do mundo que acolhe os fenômenos, os acontecimentos, a dinâmica das coisas, justamente a partir das suas conexões. No entendimento de autores como Edgar Morin (1986) e Jorge Vieira (1996), trata-se de uma tentativa de se

superar toda uma tradição da ciência clássica que se pautou pela disjunção, pelo isolamento, por uma decomposição do mundo em unidades. Os procedimentos de isolamento e a exímia especialização não estariam mais dando conta de situações em que as complexidades atingem graus muito elevados. Além disso, algumas transformações acontecem exatamente no âmbito dessas conexões (Prigogine e Stengers, 1984) e provocam a transformação das unidades.

Na definição de Mário Bunge (1979) o sistema forma-se a partir de um agregado de elementos fixado por um conjunto de relações. O agregado deve, necessariamente, partilhar de certas propriedades em comum. A partir dessas propriedades, o sistema vai precisar de algumas condições, parâmetros, para poder constituir-se como tal. São eles: permanência, composição, identidades, complexidade, diversidade, autonomia, conectividade, estrutura, integralidade, organização e funcionalidade<sup>3</sup>.

Essa definição armazena algumas sutilezas: O sistema não se reduz a um mero agregado. Esse agregado está circunscrito à uma idéia de totalidade. São partes conectadas que partilham de funções ou propriedades internas. Elementos que são, portanto, o ponto de partida para constituição do sistema e, conseqüentemente, para suas relações inter sistêmicas. Morin (1986: 99) defende que não basta associar inter-relação e totalidade: é necessário ligar totalidade e inter-relação através da idéia de organização, concepção que, de fato, alicerça os três eixos que se pretende, aqui, entrecruzar. Os sistemas estabelecem-se a partir da articulação de determinados parâmetros. Um deles é a permanência que estaria ligado ao conjunto das condições iniciais que possam, de alguma forma, garantir a vida do sistema. O princípio da tendência à permanecer, segundo Vieira, parece estar associado a uma questão cosmológica oriunda da crise singular que teria desencadeado a expansão do universo. Em outras palavras, qualquer sistema deve ter um conjunto de condições iniciais para que o processo a ele inerente possa se desencadear em uma tendência à permanência. Esse dado vincula o parâmetro de permanência ao conceito de causação final da semiótica peirceana, que seria o processo que rege a condução de toda e qualquer semiose<sup>4</sup>.

Outro parâmetro é a composição, que diz respeito à quantidade e à natureza, ou qualidade, dos elementos que irão compor o agregado. Esse componente definirá os níveis de simplicidade ou complexidade do sistema. A

composição gera a partilha de propriedades em comum, coisa que dará identidade ao sistema

Em um sistema de mídia, como o formado pelo jornalismo, algumas peculiaridades das suas rotinas produtivas são ilustrativas da configuração desses parâmetros. No seu percurso rumo ao noticiário, o dia a dia da redação começa com reuniões de pautas, geralmente envolvendo todas as editorias. Em tais encontros, via de regra tensos, os jornalistas fazem um balanço da edição, cotejam-na com o noticiário dos concorrentes para a verificação da ocorrência de "furos de reportagem" e compartilham críticas, às vezes nada amenas. A partir daí, planeja-se a edição enumerando-se as ocorrências, ou prováveis ocorrências, que possam merecer cobertura. Entram nessas listas de pautas tanto as matérias já publicadas, mas que por sua importância, dimensão, ou reverberação social, merecem acompanhamento, como as sugestões de acontecimentos que nem sequer foram checados. Os secretários de redação e editores definem quais as prioridades de cobertura e lançam-se, enfim, à produção da nova empreitada.

Essa atividade, conhecida como pauta (Henn, 1996), desdobra-se por toda a confecção do noticiário. Há inúmeras redes de conexões entre os componentes da redação em si, entre esses componentes com os demais setores da empresa jornalística e deles com todos os setores que atuam no palco social. Essas conexões, de forma direta ou indireta, vão atuar nas escolhas e definições da possibilidade de notícia.

Pode-se garantir que a alma do funcionamento desse sistema é a pauta, detentora do poder catalisador dessas conexões. Todas as rotinas giram em torno desse processo de geração, seleção e exclusão, desde de, digamos, a mais cândida qualidade jornalística, que é a percepção do cheiro da notícia no mundo circundante, até as intervenções repletas de interesses pesados acionados dos andares acima das redações.

Nesse sentido, a pauta responsabiliza-se pela efetivação de praticamente todos os parâmetros sistêmicos, sobretudo o referente ao quesito "identidade". Na medida em que a projeção das notícias, com toda a codificação que lhe dá forma característica, passa inicialmente e por boa parte de sua produção pela pauta, é nela que se armazenam todo o repertório e potencialidades que delineiam o universo jornalístico. Portanto, ela dá identidade ao sistema, pois é detentora e produtora dos seus códigos.

O parâmetro identidade evidentemente não se restringe à pauta mas é acionado pelo conjunto que forma a linguagem jornalística. O jornalismo impresso delinea-se por um fluxo de códigos que ganha sua marca essencial nos processos diagramáticos de uma página. Há códigos específicos na concepção da notícia (fato surpreendente, relevância pública, carga dramática, etc., elementos já antecipados pela pauta) que, ao cruzarem-se com as fontes da linguagem verbal, vão prescrever formas típicas de redação noticiosa. A diagramação reforça tais códigos e em qualquer lugar do mundo reconhece-se a mancha gráfica de um jornal, supra-sumo da sua identidade.

Outro parâmetro importante a considerar é o da complexidade. Ela surge como parâmetro livre na idéia de que os sistemas vão assumindo determinados comportamentos em termos de organização de acordo com os a diversidade de elementos e de suas conexões. Quanto maior a possibilidade de diversidade conectiva, aumenta a complexidade e, conseqüentemente, a informação. E nesse cenário, emerge o problema da entropia e da organização.

O jornalismo é um sistema de alta complexidade que se organiza através de semioses múltiplas. As semioses que envolvem produção e consumo de noticiário estabelecem-se como a própria razão de ser da atividade e na qual formata-se sua condição de linguagem.

Colocando-se a questão de outra forma, pode-se dizer que o jornalismo, principalmente através do noticiário, mantém um embate constante com a realidade a sua volta e trabalha com princípios como o de organização e caos ou entropia e neguentropia. Isso ocorre, sobretudo, porque o jornalismo vive ao sabor de uma realidade que não se comporta de modo previsível. Uma das principais qualidades atribuídas a uma ocorrência para que se transforme em notícia é justamente sua capacidade de surpreender e, quanto mais, melhor. Ao mesmo tempo, o jornal é um produto industrial cuja confecção exige planejamento, previsibilidade. Também precisa de mecanismos não só de rápida percepção da realidade, mas de adequação a preceitos editoriais que na maioria das vezes ocultam interesses diversos.

Enfim, o jornalismo, nesse processo de recolher as ocorrências e transformá-las em notícia, precisa dar uma certa ordem no mundo cotidiano propenso ao caos. Mas sua natureza semiótica, profundamente conectada com esse mundo e a mercê de suas surpresas, torna essa missão, em alguns momentos,

deficitária, o que não deixa de ser um alento. Acontecem verdadeiros surtos nessa “zona fronteira”, que se espalham pelas páginas até que os códigos tão rigidamente instituídos pelas redações coloquem tudo dentro de uma certa normalidade. As notícias desaparecem, vítimas do desinteresse provocado pela redundância.

Propõe-se, portanto um modelo no qual existe uma “zona de turbulência” entre o sistema e seu entorno, formado por outros sistemas que se designam, aqui, como “fronteiras sistêmicas”. É nessa região que se dá o impulso produtivo da notícia, que estará às voltas com toda uma codificação de cunho cultural e técnico, cujos tentáculos de redundância, necessários, em certa medida, para fazer à entropia iminente, irradiam-se para o meio ambiente. Talvez nesse território desencadeie-se um dos principais embates que a linguagem jornalística espondeia.

Percorrer os caminhos dessa semiose via investigação dos processos de produção pode se transformar em importante ferramenta para o entendimento de certos fenômenos midiáticos. Nesse pressuposto, a conectividade surge como outro parâmetro fundamental. Trata-se da capacidade que o sistema tem de estabelecer as relações entre os seus elementos. Quanto maior a conectividade, mais chances ele tem de crescer, de avançar, de formar seu todo.

Na relação do sistema com o meio ambiente, há níveis de conectividade que se dão nas suas fronteiras. No caso do jornalismo, penso nos seguintes termos: Na feitura de um jornal, entende-se sempre que o noticiário é a razão essencial de sua existência, o momento mais crucial é justamente a captação da notícia<sup>5</sup>. Seus protagonistas principais, os jornalistas e as fontes, são, em função disso, responsáveis pela efetivação da conectividade.

Quando recebe a pauta que deve cobrir, o repórter já é orientado sobre as possíveis fontes que deverá consultar para coletar os dados necessários. Existem fontes oficiais, distribuídas em todos os escalões dos órgãos públicos, que fornecem uma informação filtrada de acordo com os interesses da instituição em questão. As melhores, entretanto, são as fontes dos bastidores, cujos relatos nem sempre aparecem nos jornais, porque precisam de checagem mais apurada.

Acredita-se que o bom jornalista seja aquele que usufrua de uma grande rede de fontes, condição para que uma matéria não seja apenas um emaranhado de dados oficiais e interesseiros. É fácil perceber quando uma cobertura limita-se a

poucas fontes ou amplia as visões sobre os fatos. Basta perceber no texto escrito as diferentes versões ou observações. Quanto mais complexo o noticiário, maior o número de fontes consultadas pelo jornalista.

A relação com a fonte constitui um dos pontos de conectividade básica e ela já se institui no processo de pauta (Paillet, 1986). Praticamente todas as ações sociais hoje são desenvolvidas na expectativa da visibilidade midiática. Qualquer empreendimento, tanto da esfera pública como da privada, pressupõe o aparecimento na imprensa e existem profissionais incumbidos dessa função. Ou seja, existe uma tecnicidade na fonte que delimita, inclusive, uma forma de trabalho. As pressões de órgãos governamentais, não governamentais, políticos, empresariais e outros desdobram-se em duas frentes. A primeira, a mais óbvia, dá-se no esforço de entrar na pauta ou agenda das redações, seja através de relises, ou no plantio de informações que possam atizar a curiosidade dos repórteres. A segunda visa, ao contrário, omitir certas informações delicadas para o órgão. Sendo assim, há um esforço no sentido de que algumas notícias não saiam publicadas. E para isso, vale tudo, desde suborno até negociações entre as esferas acima das redações.

A relação fonte/repórter, portanto, é uma ponta da conectividade da redação com os demais sistemas e subsistemas que compõem o mundo circundante do jornalismo. Na outra ponta temos a relação com o público que pode, em determinados momentos, viver o papel de fonte, até mesmo no sentido de pautar matérias.

As conectividades internas se dão na relação dos atores que compõem as editorias, das editorias entre si, das editorias com as demais funções da redação, sobretudo as hierarquicamente superiores (secretaria de redação, direção de redação, conselho editorial), e há ainda toda uma rede com os demais setores da empresa jornalística, nos quais destacam-se a circulação e os departamentos publicitários. Todos eles mantêm conectividade com sistemas externos que, em algum nível, podem interferir no produto final, a notícia.

Delimitar-se-á, portanto, com esses parâmetros, o sistema jornalístico como o composto pela redação e, no máximo, pelas forças internas da empresa que vão de alguma forma intervir no núcleo desse sistema, que é a notícia. Os demais pontos dessas conectividades serão considerados zonas fronteiriças de

sistemas e subsistemas que integram um ecossistema fundamental, a sociedade<sup>6</sup> e um metassistema amplíssimo delimitado pelo universo conhecido .

Em pesquisa destinada à dissertação de mestrado produzida no PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, a aluna Maria Dulce Bosa Violli investiga as rotinas produtivas do jornal Diário Popular. Trata-se de publicação da empresa RBS destinada às chamadas *classes populares* e de grande êxito em termos de tiragem. Destacamos, de sua pesquisa, o seguinte relato:

*Às 16 horas participei de uma reunião de pauta com os editores, quando foram apresentados os assuntos que sairiam no dia seguinte, ao diretor do jornal, Ciro Martins.*

*Após ser apresentada e sentar-me próxima ao diretor ele iniciou a reunião com a seguinte frase, dita em tom de brincadeira: "Então, o que temos para vender jornal, amanhã?" Assim, de forma descontraída, cada editor apresentou o que tinha de pauta, algumas já desenvolvidas, pré-prontas.*

*Conforme o editor Adjunto, Alexandre Bach, até o fechamento do jornal, por volta das 23 horas, as pautas apresentadas poderiam cair em função do surgimento de outros assuntos mais interessantes. Por exemplo, até as 17 horas, quando encerrei a primeira visita ao jornal, a matéria de capa ainda não estava definida. E outros assuntos, ainda não conhecidos até aquele momento, foram publicados.*

*Na tarde do dia 13 de fevereiro, acompanhamos a repórter Cecília numa pauta sobre invasão de pulgas em uma rua na cidade de Sapucaia. Lá vamos nós, a repórter, o fotógrafo, o motorista e eu. No caminho, ainda em Porto Alegre, encontramos a polícia de choque com suas sirenes ligadas. Imediatamente, o fotógrafo do DG ligou para um fotógrafo da ZH para comunicá-lo da movimentação da polícia. A repórter fez o mesmo, avisando uma repórter do Diário, para que se informasse sobre o que estava acontecendo.*

*A repórter Cecília busca para sua matéria emoção, sensibilidade, sendo que uma de suas perguntas características era a seguinte: "...e como foi, como vocês estão se sentindo?" Cecília perguntou também como era viver em meio a tanta pulga, procurando coletar mais depoimentos dos vizinhos. Notamos inclusive o envolvimento que a equipe teve com a família, sendo que o próprio motorista segurou no colo uma das crianças da família. No caminho de volta para a redação, a repórter comenta que este tipo de matéria pode vir acompanhada de*

*um determinado serviço, por exemplo, sobre como prevenir pulgas. Cecília afirmou que faltavam fotografos no DG. O fotógrafo que estava com ela respondeu que por isso o companheirismo entre os repórteres deveria prevalecer.*

Algumas marcas desse relato são significativas diante das formulações propostas. A começar pela reunião de pauta em que a faceta mercadológica da notícia, mesmo que exposta de forma irônica, ganha relevância. O jornalismo industrial, ao pertencer a um sistema econômico-social mais amplo, vincula-se conectivamente de forma definitiva a esse meio incorporando e ao mesmo tempo fomentando todas as suas contradições.

Na descrição do cumprimento da pauta, o cruzamento de semioses pré-codificadas instaura-se na imersão da repórter em seu meio/fonte substancial: a rua. Comboio formado pela Polícia Militar sinalizado por sirenes já integra o sistema de acontecimentos potencialmente noticiáveis exigindo tomada de decisão rápida por parte da profissional.

O Diário Gaúcho, na condição de jornal popular, institui codificação particular, herança do jornalismo sensacionalista que toma fôlego ainda na segunda metade do século XIX. Nesse sentido, pautas pitorescas ou mesmo esdrúxulas ganham primazia, como o drama de casa infestada por parasitas. Mesmo que a repórter esteja muito ciente que, pelas regras codificadas no seu veículo em particular, ela deva extrair tons dramáticos e emocionais da cobertura, ela aposta que esteja prestando um serviço comunitário.: o jornalismo na condição de sistema que organiza e dá algum sentido relevante à realidade social.

Incorpora-se aqui a hipótese de que o cotidiano é definido ou mesmo construído pelo sistema jornalístico, no sentido de que a sociedade ocupa-se diariamente com aquilo que os jornais exploram como seus fatos e temas<sup>7</sup>. Há, nessa perspectiva, uma sobreposição de jornalismo no meio ambiente social, de tal forma que se atribuí ao sistema jornalístico um poder descomunal. Ao organizar as ocorrências e estabelecer suas angulações, o jornalismo *apropria-se* dos acontecimentos impondo-a ao meio já com suas devidas transmutações.

O potencial informativo dos acontecimentos é como que *sugado* pelo sistema jornalístico, processo que se sucede nas conexões com os sistemas fronteiriços, desde os níveis empresariais e políticos, até os mais cruciais, desenvolvidos entre jornalistas e fontes. Esse fenômeno possui um comportamento parecido com aquele descrito por Prigogini quando propõe a sua Teoria das

Estruturas Dissipativas. Os jornais impõem suas codificações ao ecossistema que, ato contínuo, passa a se comportar de acordo com aquilo que os meios preconizam.

Articular esses pressupostos em uma perspectiva metodológica que possa viabilizar uma espécie de cartografia dos sistemas produtivos de linguagem sugerem-nos ricas possibilidades na direção de uma semiótica da produção com perspectiva sistêmica.

---

<sup>11</sup> O trabalho fará referências mais diretas a questões do jornalismo por ser o tema central das minhas pesquisas. No momento, desenvolvo duas investigações nas quais tento articulações dessa natureza: uma pesquisa sobre o jornal Folha da Manhã, que circulou em Porto Alegre na década de 1970, e outra pesquisa sobre as notícias de criminalidade nos jornais de Porto Alegre. Também oriento pesquisa de Maria Dulce Violli sobre as rotinas produtivas do jornal Diário Gaúcho. Cabe destacar, nessa perspectiva, trabalho pioneiro de Aline Greco (*O Telejornalismo sob à luz da Crítica Genética*, tese de doutorado defendida na PUC de São Paulo, 2000)

<sup>2</sup> Sobre o tema, ler Santaella (1995), *Teoria Geral dos Signos*.

<sup>3</sup> As considerações sobre os parâmetros sistêmicos estão baseadas em palestra proferida por Jorge Albuquerque Vieira na PUC de São Paulo em maio de 1990.

<sup>4</sup> Esse é um dos principais motes introduzidos por Cecília Salles (1992) para introduzir o conceito de semiose com os postulados da Crítica Genética. Desenvolve esse tema no texto *Semiose e Processos Comunicativos* (Henn, 2000)

<sup>5</sup> - Pereira Lima(1981: 41) também reforça essa idéia dizendo que, do ponto de vista funcional, é a redação o setor catalisador da empresa jornalística. "A rigor, não há jornal sem o exercício das funções que competem à redação: captação e codificação da informação de atualidade". Ciro Marcondes (1989, 12) sustenta que é sobre a notícia que se centra o principal interesse do jornalismo.

<sup>6</sup> - Pereira Lima (1981, 43) faz observação importante sobre o entorno social do jornalismo: "Em realidade, a função precípua do jornalismo, informar e orientar, é uma função condicionada ao informar e orientar determinado pelo sistema social no qual se insere. Este informar e orientar torna-se a função declarada do jornalismo, sua ação explícita, visível, palpável; a função real, no entanto, implicitamente conectada a esse informar concreto, é veicular ideologias, estimular atitudes".

<sup>7</sup> Teorias como as da *Construção do Temário* (McCombs, Shaw, 1972) e da *Construção Social da Realidade* (Alsina, 1989), sustentam essa hipótese.

## Referências Bibliográficas

- ALSINA, M. R. (1989), *La Construcción de la Notícia*. Barcelona: Paidós.
- BUNGE, M. (1979), *Treatise on Basic Philosophy* – vol. 4: *A World of Systems*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.
- HENN, R. (1996), *Pauta e Notícia, uma Abordagem Semiótica*. Canoas: Ulbra
- \_\_\_\_ (2000), *Semiose e Processos Comunicacionais*, in *Mídia e Processos de Significação*. São Leopoldo: Unisinos.
- LIMA, E.P. (1981), *O Jornalismo Impresso e a Teoria Geral dos Sistemas: um Modelo Didático de Abordagem*. Dissertação de Mestrado apresentada à ECA/USP.
- \_\_\_\_ (1993), *Páginas Ampliadas*. Campinas: Unicamp.
- Mainzer, k. (1994), *Thinking in Complexity*. New York: Springer-Verlag.
- McCOMBS, M. e SHAW, D. L. (1972), "The agenda-setting functions of the mass media". *Public Opinion Quarterly*, n. 36.
- MORIN, E. (1986), *O Método I, A Natureza da Natureza*. Mira-Sintra: Europa-América.
- PAILLET, M. (1986), *Jornalismo, o Quarto Poder*. São Paulo: Brasiliense.
- PRIGOGINE, I. e STENGESMI. (1984), *A Nova Aliança, a Metamorfose da Ciência*, Brasília: Editora Universidade de Brasília.

RIVADENEIRA PRADA, R. (1985), *Periodismo: la Teoria General de los Sistemas y la Ciencia de la Comunicación*. México: Trillas.

SALLES, C. (1992), *Crítica Genética*. São Paulo: Educ.

\_\_\_ (1998), *Gesto Inacabado*. São Paulo: Annablume.

VIEIRA (1994), *Semiótica, Sistemas e Sinais*. Tese de Doutorado apresentada na PUC de São Paulo.

\_\_\_ (1996), “Caos e Semiótica”, Revista *Face*. V. 5, nº 1 jan7jul. 62-68

### **Ronaldo Henn**

Professor no Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo. Atualmente desenvolve duas pesquisas: *Folha da Manhã: Realidade e Representação nos Anos 70* e *Criminalidade e Notícias nos Jornais de Porto Alegre*. É autor de *Pauta e Notícia, uma Abordagem Semiótica* (Canoas:Ulbra, 1996)